

Antonio Corrêa de Lacerda*

PA3

25 JUL 2007

Investimentos e expansão econômica

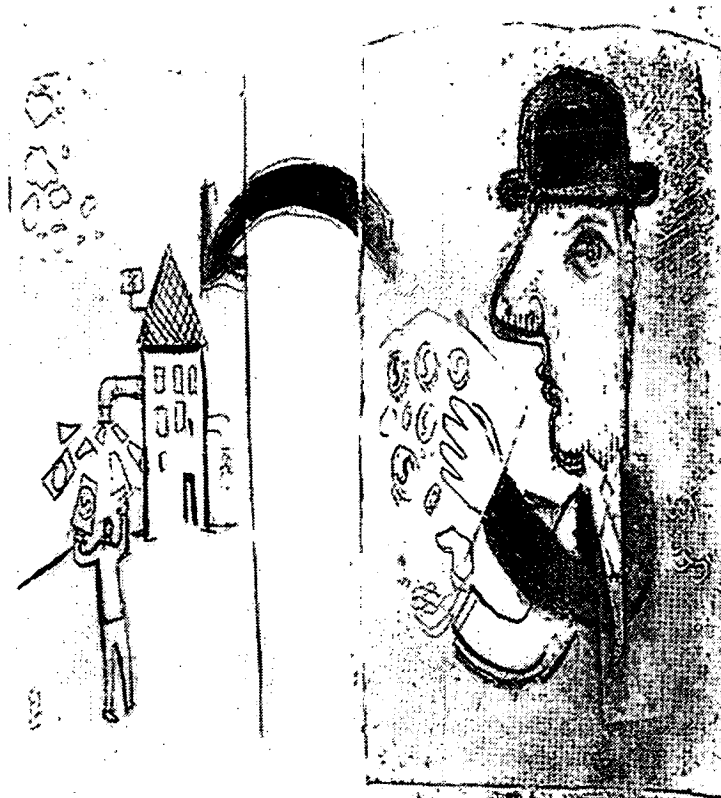
Carências na infra-estrutura demandam aportes anuais de R\$ 88 bilhões



Há uma razoável convergência de expectativas de que a economia brasileira crescerá um número próximo de 4,5% em 2007. Embora essa seja uma taxa superior à média das últimas duas décadas, de 2,5%, ainda permanece aquém do necessário e do crescimento médio previsto para a economia mundial, de 5,0%. Também é um desempenho bem abaixo da média dos países em desenvolvimento, que crescem cerca de 7,0% ao ano.

O desafio brasileiro é elevar e sustentar, econômica, social e ambientalmente o crescimento para propiciar a melhora dos níveis de emprego e renda. A cada ano cerca de 1,8 milhão de novos jovens vão ao mercado em busca do seu primeiro emprego. Para gerar as oportunidades necessárias somente um crescimento robusto e sustentado da economia.

Portanto, elevar as taxas de investimento na economia brasileira torna-se fator fundamental para sustentar o crescimento econômico. Diante da revisão dos dados macroeconômicos realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que é o órgão oficial de elaboração e divulgação das contas nacionais, os investimentos, medidos pela formação bruta de capital fixo, representaram 16,8% do Produto Interno Bruto (PIB) de 2006. Há fortes indicações de que essa taxa deverá ultrapassar 18% este ano. Portanto, os investimentos estão evoluindo quase 10%, cerca do dobro do crescimento médio do nível de atividades. O ritmo está bom. É preciso garantir que os investimentos atinjam pelo menos 22% do PIB, considerado mínimo para



sustentar crescimento econômico acima de 5% ao ano.

Essa é a única garantia, no médio e longo prazos, que a capacidade produtiva e a infra-estrutura não representarão gargalos ao crescimento sustentado. Do ponto de vista macroeconômico, levando-se em consideração a relação capital-produto da economia brasileira, o ideal seria que os investimentos viessem a representar 22% do PIB, algo que deve ser atingido nos próximos anos, a se sustentar o atual ciclo positivo.

As carências na infra-estrutura brasileira demandam investimentos anuais da ordem de R\$ 88 bilhões, levando-se em conta as necessidades de aportes nas áreas de petróleo e gás, saneamento, energia e telecomunicações, segundo estudos da Associação Brasileira da Infra-estrut

tura e Indústria de Base (Abdib). O governo brasileiro, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), prevê, para o período 2007-2010, um montante global de investimentos públicos e privados da ordem de R\$ 500 bilhões, incluindo os esforços de melhoria da infra-estrutura social.

No caso do setor de energia, há consciência de que é preciso elevar a oferta em cerca de 4.000 MW (megawatts) ao ano para garantir o suprimento e evitar o racionamento, como ocorreu no ano de 2001. Para isso será necessário acelerar os investimentos na área e solucionar as pendências de licenciamento ambiental. O Brasil tem todas as condições de manter sua matriz energética fortemente baseada em ativos renováveis, uma grande vantagem

competitiva, diante da carência e dos impactos dos combustíveis fósseis ao meio ambiente.

É preciso não somente elevar o nível de investimentos, mas criar as condições para que os gargalos da infra-estrutura sejam resolvidos, de forma a não se tornarem empecilhos ao crescimento da economia. Um fator determinante para as decisões de investimentos é o aparato regulatório, e é imprescindível que as regras do jogo sejam transparentes.

Observa-se uma expressiva retomada do interesse dos investidores externos. Depois de atingirem US\$ 18 bilhões no ano passado, os fluxos de investimentos diretos estrangeiros no Brasil devem chegar aos US\$ 30 bilhões no ano corrente, consolidando a liderança do País nesse quesito na América Latina e o segundo posto entre os países em desenvolvimento.

A perspectiva de o Brasil ser classificado como grau de investimento por parte das agências internacionais de classificação de risco tem sido um fator de estímulo adicional para isso. Há investidores que, diante dessa perspectiva, estão antecipando aportes de recursos. O boom do mercado acionário brasileiro e o movimento no mercado imobiliário, por exemplo, são indicadores de isso esteja ocorrendo. Mas ainda virão muitos outros. Há grandes fundos internacionais que possuem restrições estatutárias para investimentos em países considerados de risco e a iminente promoção do Brasil vai atrair boa parte desses recursos.

* Professor-doutor do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Próximo artigo do autor em 2 de agosto.